

A análise semiolinguística: seu percurso e sua efetiva tropicalização

IDA LUCIA MACHADO

EMÍLIA MENDES

Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMEN: El presente artículo en honor a Patrick Charaudeau tiene dos objetivos centrales. En un primer momento, haremos una narrativa de cómo la teoría semiolinguística se estableció y se desarrolló como un campo de investigación en la Facultad de Letras/UFGM-Brasil. En un segundo momento, demostraremos las contribuciones de investigadores brasileños teniendo como punto central las reflexiones y las adaptaciones del cuadro de los sujetos del lenguaje y su aplicabilidad a diferentes tipologías discursivas. Para concluir, y tomando por base los dos objetivos anteriores, haremos reflexiones sobre la constitución de un análisis del discurso de tercera generación, aquí llamado “franco-brasileña”, proporcionado por más de 20 años de extensos estudios, colaboración y acuerdos académicos.

PALABRAS CLAVE: *Patrick Charaudeau, teoría semiolinguística, análisis del discurso, cuadro de los sujetos del lenguaje.*

RESUMO: O presente artigo em homenagem a Patrick Charaudeau possui dois objetivos centrais. Num primeiro momento, vamos fazer uma narrativa de como a teoria semiolinguística se instalou e se desenvolveu como um campo de pesquisa na Faculdade de Letras/UFGM-Brasil. Num segundo momento, demonstraremos as contribuições de pesquisadores brasileiros tendo como ponto central as reflexões e as adaptações do quadro dos sujeitos da linguagem e sua aplicabilidade a várias tipologias discursivas. Para concluir, e tomando por base os dois objetivos acima, teremos reflexões sobre a constituição de uma análise do discurso de terceira geração, aqui denominada “franco-brasileira”, proporcionada por mais de 20 anos de estudos aprofundados, colaboração e acordos acadêmicos.

PALAVRAS-CHAVE: *Patrick Charaudeau, teoria semiolinguística, análise do discurso, quadro dos sujeitos da linguagem.*

ABSTRACT: The present article, in tribute to Patrick Charaudeau, has two central objectives. Firstly, we will address how semiolinguistics theory emerged and developed as a field of research in the Faculty of Letters at UFGM-Brazil. Secondly, we will show the contributions of Brazilian researchers focusing on the reflections and adaptations of the language subjects' framework and its applicability to various discursive typologies. In conclusion, and based on the two objectives above, we will reflect on the constitution of a third generation of discourse analysis, referred to herein as “Franco-Brazilian”, provided by more than 20 years of in-depth study, collaboration and academic agreements.

KEYWORDS: *Patrick Charaudeau, semiolinguistics theory, discourse analysis, language subjects' framework.*

Introdução

Este artigo, escrito a quatro mãos, tem dois objetivos: na medida do possível, o primeiro deles tentará publicar as ações que levaram à adesão de um grupo de pesquisadores, quase todos de Minas Gerais, às teorias discursivas de Patrick Charaudeau e isso já há algum tempo: mais de vinte anos!

Há que se convir que vinte anos de estudo, discussões e aplicações de uma teoria analítico-discursiva em uma pós-graduação em Estudos Linguísticos, conferem a esta teoria certa importância, sobretudo se levarmos em conta os vários trabalhos acadêmicos – monografias, dissertações, teses, artigos e livros – que tomaram a Teoria Semiolinguística do supracitado linguista como base teórica. Tentaremos, pois, mostrar como a Teoria e seu criador ajudaram um determinado grupo (no qual nós nos incluímos) a assumir e a entrar no campo denso e por vezes tenso da AD.

O segundo objetivo visa a delinear o caminho que esta AD tomou no círculo de estudiosos em questão e as aquisições e transformações que lhe foram sendo paulatinamente acrescentadas sob o calor dos Trópicos. Como afirma Machado (2010: 226),

Nada ou ninguém viaja impunemente. Sair da Europa, mais especificamente da França, para abordar no Brasil, sempre foi uma aventura que foi bem acolhida pelo criador da teoria em tela, que parece ter gostado e muito desta “aclimação”. [...] O estereótipo do brasileiro que se balança na rede esperando a teoria que vai chegar de barco ou avião para aplicá-la sem pestanejar não é válido: tudo o que aqui chega passa por uma necessária adequação/adaptação e isso desde tempos longínquos. [...]

A partir dessa ótica, gostaríamos de mostrar as mudanças que fomos aplicando à Semiologia, por nossa conta e risco e também por influência de nossos alunos interlocutores, mudanças estas que sempre surpreenderam Charaudeau. Isso nada mais é que um reflexo de nosso pensamento: sempre encaramos uma Teoria como *algo que tem vida*, sobretudo se pensarmos que ela está ligada aos usos linguageiros e às variações e flutuações destes e ainda mais se tal Teoria visar, como acontece com todas aquelas ligadas à Análise do Discurso, às trocas comunicativas entre parceiros de um determinado discurso. A linguagem, em geral, sofre inúmeras transformações e adaptações impostas por sua aplicação e por sua prática na vida política e social dos diferentes grupos de sujeitos-comunicantes. O que tinha um significado ontem passa a ter outro tempos depois.

É preciso deixar claro que as autoras do artigo muito refletiram sobre sua participação nesta revista e sobre como realizar o difícil exercício de, através de um artigo, prestar homenagem a um Professor como Patrick Charaudeau, colega e amigo “em uma expedição e aventura” conforme suas palavras no livro que lança sua teoria (1983: 50) pelas escorregadias selvas discursivas. Pelas várias coletâneas que ambas tivemos a ocasião de ler, e que têm este mesmo objetivo – homenagear colegas que se destacaram em seus percursos teóricos de vida – notamos que existem vários estilos de escritura para o ato de se prestar uma homenagem. Eis alguns dentre as várias opções possíveis: certos autores, que seguiram percursos teóricos diferentes dos do homenageado, ainda que na mesma área de estudos, escrevem para relatar suas próprias experiências, sem fazer menção ao trabalho do professor objeto do livro; outros preferem escrever sobre o amigo e professor em questão, ressaltando aspectos de sua vida pessoal misturados aos de sua carreira. Há também aqueles que compõem discursos de caráter amplamente elogioso onde são enaltecidas as características positivas do homenageado, no exercício de sua profissão. Já alguns são compostos de modo a misturar elogios a críticas, oferecendo algumas sugestões. Embora no Brasil e também no restante da América Latina isso não seja de praxe, há autores que se aproveitam de tal ocasião para saldar antigas dívidas com o homenageado... Enfim, o leque de opções é vasto! Principalmente quando existe o direito de resposta: é por isso que queremos aqui expressar nossa admiração aos organizadores desta revista que reúne artigos em homenagem ao Professor Patrick Charaudeau, que continua com entusiasmo e brilho seu trabalho entre nós¹.

Em meio a todas essas possibilidades de participação, a mais que justa homenagem feita a um amigo e colega – e também a um Mestre – preferimos fazer uma transgressão em relação ao gênero que norteia esta publicação. Daí os dois objetivos propostos nas linhas iniciais: narrar o percurso teórico da Semiologia no Brasil e mais especificamente sua inserção no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, o que nos levará a abordar o início e o crescimento da Teoria na UFMG; tentar mostrar as naturais mudanças que foram sendo aos poucos incorporadas na Teoria e as transformações que nos levam, em um gesto de grande audácia, a lhe atribuir o nome de *Semiologia Brasileira*.

1. *Patrick Charaudeau, sua Teoria Semiológica e o grupo da UFMG: traços de um percurso teórico de vida*

Antes dos anos 1990, eu, Ida Lucia Machado, fui apresentada, em um congresso Sedifrale, realizado em Belo Horizonte, no Brasil, ao Professor Patrick Charaudeau. Instigado por uma das mais audaciosas professoras de francês que a FALE/UFMG já teve, Professora Doutora Eunice Dutra Galéry, ele a convidou assim como a mim mesma, Ida Lucia Machado, para juntos prepararmos um acordo ou um

convênio que pudesse dar lugar à formação de um grupo de estudiosos em análise do discurso, formado por brasileiros e franceses. Tal iniciativa foi amplamente acolhida pelo vice-reitor da época da UFMG, Professor Evando Mirra, que muito apreciava a AD. É preciso lembrar que esta já brilhava na UNICAMP, onde, desde os anos 70, a AD de Pêcheux foi brilhantemente introduzida pela Professora Eni Pulcinelli Orlandi e adotada, bem como transformada, por um grupo de professores que tão bem soube acolher a nova (e ousada) disciplina, em terras paulistas.

Porém, a professora mineira logo viu que a análise do discurso proposta por Charaudeau oferecia uma linguagem e abordagem diferente daquela de Pêcheux. A ideologia não era citada (explicitamente) e os conceitos mostravam, em uma primeira leitura rápida, serem bem ligados à sociologia, à etnologia e terem um forte referencial linguístico que vinha de reflexões bastante expandidas de algumas teorias semânticas, sobretudo da semântica enunciativa. Tratava-se de uma ‘nova AD’ como afirma Mazière (2010: 98) quando discorre sobre a existência de outras teorias discursivas diferentes daquelas que concorreram ao lado de Pêcheux (ou não) para a instauração da disciplina AD no cenário francês e isso antes do final dos anos 60. Aliás, o resumo que esta pesquisadora faz do laboratório dirigido por Charaudeau merece ser aqui citado:

O CAD (Centro de Análise do Discurso) da Universidade de Paris XIII, fundado e dirigido por P. Charaudeau, coloca em prática uma análise semiótica de discursos sociais (principalmente por meio de suportes midiáticos) reunindo elementos vindos das ciências da linguagem, da psicossociologia, das ciências da informação e da comunicação. Este laboratório se caracteriza por uma metodologia elaborada, desde os anos 1980, por Charaudeau, em torno de conceitos e de instrumentos de análise que permitem estudar os processos de produção e de recepção (contratos, papéis, gêneros, comportamentos discursivos, etc.) segundo suas diferentes manifestações semiológicas (verbais, visuais e gestuais). (Mazière, 2010: 99, tradução nossa)

Não podemos negar que tal resumo seja justo, ainda que a palavra ‘semiótica’ que define a teoria analítico-discursiva em questão possa parecer chocante para alguns. Existem muitas semióticas. O próprio Charaudeau (1995: 98) explica o porquê da escolha do termo Semiolinguística, com o qual batizou sua teoria e esclarece que o *semio* desta designação vem de *sémiosis*, processo que traz em si uma relação entre forma e sentido, nos diferentes quadros epistemológicos. No mesmo artigo, ele consagra um segmento ao “Duplo processo de semiotização do mundo” (Charaudeau, 1995: 98, trad. nossa), para explicar os processos de transformação e transação necessários para a melhor compreensão dos usos linguageiros na perspectiva de sua teoria discursiva: trata-se de estudar a forma e o sentido que comandam a criação de diferentes atos de linguagem e sua orientação, que dependem da situação psicossocial que os produz. É a teórica também está correta ao dizer que a Semiolinguística estuda ou analisa discursos sociais: sempre levamos em conta, ao praticá-lo, das atitudes do sujeito-comunicativo face ao seu discurso, face ao mundo que o rodeia (o social) e face ao outro para quem a comunicação é dirigida.

Vem daí o grande interesse que esta Teoria despertou e desperta ainda nos estudos ligados às mídias, seja quais forem. Isso ocorreu na França e também em nossa Universidade bem como naquelas que se filiaram a tal Teoria, como a UFRJ, a UFF, no Rio de Janeiro e a várias instituições mineiras (como a UFV, a UFOP, a UFSJ, o CEFET entre outras) cujos professores sempre trabalharam em grupo conosco e souberam difundir muito bem as ideias de Charaudeau em seus respectivos locais de trabalho e nas publicações, congressos e reuniões que organizamos juntos. Entretanto, não nos limitamos apenas a trabalhar com as mídias, já que começamos, desde cedo, uma doce transgressão – no sentido positivo do termo – de alguns princípios da Semiolinguística. Podemos dizer que dela operamos uma releitura, como veremos no próximo segmento.

Voltemos aos primórdios da Semiolinguística em terras mineiras e mais especificamente na UFMG. Não foi nada fácil organizar um grupo em torno dessa ‘nova’ forma de se ver e estudar a AD. Para resumir bem, o grupo pode ser assim considerado somente a partir de 1994, embora várias reuniões já tivessem sido iniciadas e coordenadas pela Professora Ida Lucia Machado, desde sua entrada em 1992,

na UFMG. Em 1993, a partir de um projeto elaborado por Ida Lucia Machado e Patrick Charaudeau, com a simpática e entusiasta participação de jovens estudantes da graduação em francês da FALE/UFMG, com a presença e encorajamento do Professor Evando Mirra (vice-reitor da UFMG na época) e dos representantes do Serviço Cultural da Embaixada da França no Brasil, Professores Sylvie Martin e Jean-Paul Rebaud, *a máquina começou a funcionar*, se nos permitem a metáfora. Tal projeto recebeu o título de *Análise do discurso: procedimentos de persuasão e de sedução* e foi submetido, simultaneamente, no Brasil e na França, à CAPES e ao COFECUB. O ano que se seguiu, 1994, pode ser considerado como um ano *histórico* para a efetivação da AD em terras mineiras², pois o projeto foi aceito pelos supracitados organismos de ajuda à pesquisa, por quatro anos, mais tarde prorrogados em um ano e, logo em seguida, reaceito sob um novo título: *Gêneros do Discurso: mediações e materialidades discursivas*, por mais quatro anos, o que nos deu, ao todo, quase dez anos de projetos e de intensas trocas entre professores franceses e brasileiros no âmbito de missões de curta, média e longa duração. Assim, todos os membros do laboratório do CNRS dirigido por Patrick Charaudeau vieram ao Brasil e aqui ministraram cursos sobre a ‘nova’ teoria de AD. Do mesmo modo, pesquisadores brasileiros que se ligaram ao grupo foram à França onde apresentaram Seminários sobre suas pesquisas em AD; alunos do POSLIN/FALE/UFMG partiram para Paris, para a realização de *doutorados-sanduíche*, sob a responsabilidade dos coordenadores brasileiro e francês do Projeto. Um deles realizou e defendeu em Paris XII, uma tese em cotutela, incluída no Projeto.

Não é pois de se admirar que a análise do discurso tenha conseguido abrir um espaço para a pesquisa no âmbito de um programa dirigido aos Estudos Linguísticos (Poslin). Houve muito trabalho e dedicação por parte dos Coordenadores brasileiro e francês dos projetos CAPES/COFECUB e muito entusiasmo e empenho dos Professores e seus respectivos mestrandos e doutorandos que aderiram à essa linha de pesquisa.

Nesse sentido, somos gratas ao Professor Patrick Charaudeau pelo incentivo que nos trouxe e por seu jeito descontraído e simpático de ser. Una-se a essas qualidades pessoais seu grande talento como teórico da análise do discurso que usa – o que sempre nos surpreendeu – uma linguagem simples e direta nos vários artigos e livros que produz. Uma linguagem simpática, um jeito não pretensioso de encarar a análise do discurso, uma rara habilidade didática que se revela tanto em sua fala quanto em seus escritos.

Graças a isso, a esta aceitabilidade do mundo como ele é, por parte de Charaudeau, a Teoria Semiolinguística evoluiu não somente em contato com diferentes culturas como a nossa nas nos escritos de seu próprio criador. Charaudeau enveredou-se já há alguns anos pelo caminho de análise do discurso político. Como exemplo, citamos *Le discours politique: Les masques du pouvoir* (2005) [O Discurso Político (2006)] e *Entre populisme et peopolisme: Comment Sarkozy a gagné* (2008a). Em seu *Traité de politique à l’usage du citoyen* (2008c) vê-se claramente a evolução da teoria ao admitir conceitos que não apareciam de forma mais clara em seus escritos anteriores. Em recente artigo intitulado “Histoire d’un impunt. Histoire d’une coïncidence: um hommage à Jean Peytard” Charaudeau (2013) fala sobre a criação de suas teorias, sobre suas origens, sobre os teóricos que o inspiraram a conceber a Semiolinguística. Surgem então nomes como Pottiers (seu mestre e orientador de tese) Barthes, Bourdieu, Genette, entre outros. Esse gesto de se autorevelar nos pareceu extremamente simpático e coerente com a inteligência e o modo de ser do Professor Patrick Charaudeau que tem, sem dúvida alguma, traçado um belo percurso teórico em sua vida de linguista/analista do discurso.

Talvez seja possível dizer que uma das contribuições mais significativas oferecidas pelo grupo mineiro tenha sido fato de testarmos a Semiolinguística nos mais diversos *corpora*, havendo, inclusive, trabalhos mais teóricos que discutiram conceitos e propuseram até mesmo extensões da Semiolinguística, ilustrando ainda mais este compartilhar teórico. Podemos citar alguns temas e campos que foram estudados, alguns antes mesmo que tivessem sido tratados pelo teórico em questão e seus colaboradores franceses: a paródia; os processos de produção do humor; as representações, imaginários e estereótipos; os discursos acadêmico, midiático (mídia impressa, TV e rádio), político, totalitário, didático, pedagógico, psicanalítico, publicitário, literário, ficcional, cinematográfico (cinema de ficção e documentário), teatral, quadrinhístico

(HQ e charge), religioso, fashionista, erótico, jurídico, arquitetural; os processos de recepção; as imagens de si; a patemização no discurso, a (auto)biografia e as narrativas de vida; a questão da imagem icônica e suas metodologias; identidades e gêneros sociais, dentre outros. É preciso também evidenciar o papel central que os estudos sobre a Argumentação & a Retórica bem como as Teorias da Enunciação, a Pragmática Integrada, a Teoria dos atos de Fala, dentre outros, sempre ocuparam nos interesses do grupo, estabelecendo, assim, pesquisas com quadros teóricos bastante heterogêneos, embora consistentes, tendo a Semiologia numa função de espinha dorsal.

Esta abertura de possibilidades de diálogo com outras teorias é uma das maiores riquezas da Semiologia, pois, acreditamos, o próprio Charaudeau (2008b) nunca a concebeu como um sistema fechado sobre si mesmo, já que o campo semiológico é constitutivamente antinômico e sua concepção de linguagem é marcada pela concordância e pela discordância. Em Charaudeau ([1983] 2008b: 20), temos estes questionamentos que se mostram ainda muito atuais: “o que seria uma linguística que não tivesse nada de significativa a dizer sobre os atos linguísticos? O que seria uma Semiologia que negasse que a linguagem dá a si mesma e através de si mesma, seu próprio instrumento de análise?”. Acreditamos que esta concepção de linguagem e o questionamento sobre prática analítico-discursiva fizeram – e ainda fazem – com que a Semiologia sempre se renove e se mostre atual e plástica.

Por uma questão de espaço físico mesmo, seria um pouco complicado demonstrar de que maneira cada pesquisa desenvolvida pôde trazer suas contribuições. No entanto, um dado da teoria em especial sempre suscitou reformulações ou propostas em função dos *corpora* estudados, trata-se do quadro dos sujeitos da linguagem, originalmente proposto em 1983, no *Langages et discours*. A seguir, gostaríamos de demonstrar como esta simbiose ganhou contornos com uma interpretação bem brasileira. Entretanto, antes de passarmos para esta parte, julgamos conveniente mencionar o trabalho de tradução em equipe do que veio a se chamar *Linguagem e discurso: modos de organização* (2008b). Esta tradução é, na verdade, um livro brasileiro de Charaudeau, uma adaptação, pois, sob suas orientações como autor, selecionamos uma parte do *Langage et discours* e a somamos aos modos de organização que foram retirados do livro *Grammaire du sens et de l'expression* (1992). As equipes foram coordenadas pelas professoras Aparecida Lino Pauliukonis, Angela M. S. Corrêa e Ida Lucia Machado. Tratou-se de um trabalho conjunto de pesquisadores de dois grupos, de um lado, o grupo da UFMG e, de outro, o grupo da UFRJ e UFF do Rio de Janeiro. Todos os exemplos foram pensados e discutidos para a realidade brasileira e também retirados, em sua maioria, de produções culturais locais, gerando, assim, uma espécie de abraço da Semiologia.

2. Os múltiplos sujeitos da linguagem

Em teorias, de forma geral, nada se “cria”, tudo se transforma em processos dinâmicos e com a Teoria Semiológica não deixou de ser assim e ainda continua o sendo, em sua aclimação por aqui. É sabido que a questão do(s) sujeito(s) vem sendo tratada há muito na história da filosofia e das ideias linguísticas e estas reflexões e avanços, certamente, proporcionaram a Charaudeau ([1983] 2008) pensar um modelo plástico (por sua adaptação), ágil (há uma alternância de posições entre a instância de produção e aquela de recepção), polifônico, assimétrico, dentre outras qualidades.

Assim, como é do conhecimento de alguns, para quem pedimos imediatamente licença para uma breve explicação, de acordo com Charaudeau ([1983] 2008), o Eu comunicante, ser de existência real, com identidades sociais, cria projeções discursivas denominadas de Eu enunciativo, ser de palavra, com identidades discursivas; este, por sua vez, institui o Tu destinatário, que é um ser de fala contendo um ideal de recepção, já que possui marcas de como o ato de linguagem deve ser compreendido. Vale ressaltar que o Eu comunicante pode ser uma instância composta em alguns casos como, por exemplo, na publicidade, quando observamos vários sujeitos que se unem em uma equipe para construir o referido gênero. Do outro lado do sistema, temos o Tu interpretante, ser de existência real, com identidades sociais, que cria projeções sobre o Eu comunicante também através do Tu destinatário.

Trata-se de uma concepção humanista, relacional, do sujeito, pois este é visto em todas as suas dimensões psicossociolinguageiras, inclusive como um corpo físico que habita um mundo, através do qual institui seu real. Esta figura do Tu destinatário é central no modelo, pois é o elo permeável de contato entre produção e recepção. Isso se dá por sua especificidade em dar pistas e por deixar entrever efeitos visados sem, no entanto, ser uma garantia de uma boa comunicação entre as instâncias supracitadas. Entra aqui a questão da assimetria que “explica que o TUD possa ser o resultado do ato de produção do eu ou o resultado do ato de interpretação do TUi. Em outras palavras, o TUD do EU e o TUD do TUi não coincidem em todos os pontos”, o que gera ora uma integração relativa, ora um fracionamento, conforme menciona Charaudeau ([1983, 2008: 47]). Ainda na concepção do referido teórico, no processo interpretativo, entretanto, mesmo quando houver uma identidade entre TUi e TUD, este pode não corresponder ao conjunto das intenções de EU, quando a projetou. A aproximação entre estas duas instâncias interpretativas também produz efeitos distintos sobre os atos de linguagem. Vemos então que o sujeito é constitutivamente polifônico e o quadro de Charaudeau faz questão de enfatizar esta pluralidade de vozes, que à maneira de bonecas russas, as matrioshkas, se encaixam e se configuram na comunicação humana, fato este reiterado por Charaudeau em várias publicações e em conferências proferidas.

Metodologicamente, existem duas maneiras de se abordar o Eu enunciador. De acordo com Charaudeau (2010), na análise de um enunciado isolado, o Eu enunciador pode ser identificado nas marcas mesmo da enunciação. Já na análise global, considera-se todo o produto da situação de comunicação, neste caso, o EUE é o gênero de discurso enunciado que pode sofrer vários desdobramentos polifônicos como, por exemplo, o caso de uma reportagem ou de um romance.

Em vários escritos e cursos a que tivemos acesso, a dinamicidade e a plasticidade do quadro sempre foi evidenciada. Na tradução de Charaudeau (2008b), o quadro é feito com linhas tracejadas com o propósito de mostrar que é móvel, poroso, ágil e aberto ao sistema das diversas linguagens, trata-se de um esquema «efêmero» que se esboça para mostrar o funcionamento de uma dada enunciação. Ver este quadro como um sistema rígido e fechado, somente como uma representação da instância de produção, é uma interpretação equivocada da teoria, pelo menos ao nosso ver.

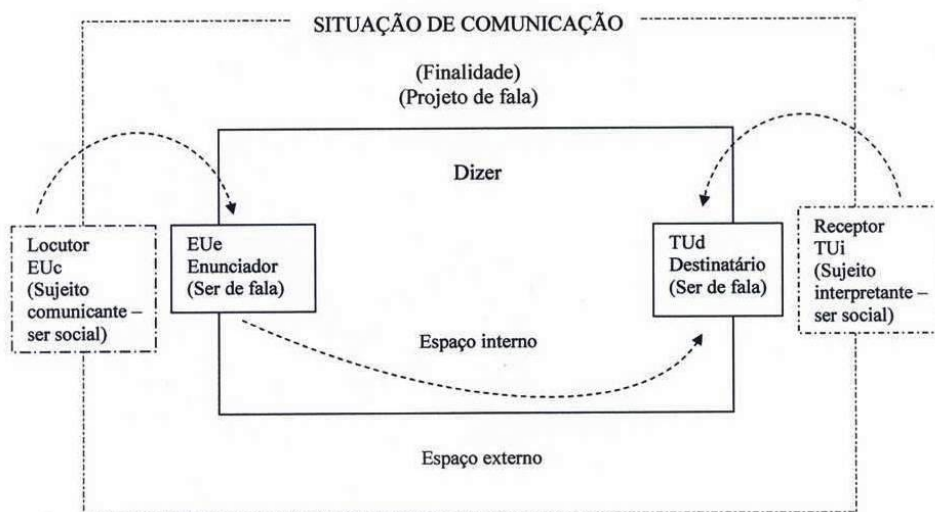


Figura 1: Charaudeau (2008b: 52)

A concepção de sujeito acima mostrada, nos propõe também uma reflexão sobre o nosso próprio fazer analítico-discursivo: o pesquisador está sempre em uma posição de Tu interpretante e, como tal, sujeito a graus variáveis de compreensão do que o outro enuncia. Isso vale também para refletir sobre o fazer deste artigo, que nada mais é do que uma leitura feita por duas pesquisadoras brasileiras sobre a

Semiolinguística, outras posições podem existir e estar em consenso ou em conflito com a nossa forma de vê-la e interpretá-la.

Em Charaudeau (2013), podemos observar como a gênese deste quadro se deu, em meio a uma efervescência peculiar de teorias sobre a linguagem. Assim, o autor afirma que o modelo polifônico seria uma coincidência com um outro modelo pensado para o texto literário, de autoria de Jean Peytard (1983). A formulação do quadro dos sujeitos da linguagem na versão charaudeana tem como fonte T. Todorov, G. Genette e R. Barthes, enquanto Peytard teria como fonte J. Schmidt, F. Vernier, Ph. Lejeune, P. Bourdieu, dentre outros. As duas propostas são o retrato da vontade de definir um sujeito não mais único, mas fragmentado numa multiplicidade de vozes e papéis sociais bem como papéis discursivos.

Como ex-aluna de Jean Peytard, Ida Lucia Machado, então nos anos 1990 professora de literatura francesa, conhecia os dois quadros e, comumente, propunha em suas aulas uma fusão de Peytard (1983) e Charaudeau (1983 e demais publicações) a partir da inserção da figura do *scriptor* no quadro dos sujeitos da linguagem, com o objetivo de se trabalhar o texto literário via análise do discurso. Esta primeira transgressão é uma espécie marco fundador de um diálogo que vários de seus orientandos iriam estabelecer em seus trabalhos de mestrado e doutorado³. Vale dizer que para Peytard (1983) o *scriptor*⁴ é uma instância ergo-textual, ou seja, discursiva, que organiza e constrói o texto literário. Na nossa concepção, que expande um pouco a concepção de Peytard (1983), o *scriptor* é um ser de papel que perpassa gêneros que têm predominância do modo de organização narrativo do discurso, conforme definição dos modos de organização em Charaudeau (2008b). Vemos esta proposta de fusão dos quadros em Machado (1998: 119-120):

Grosso modo, esses sujeitos (locutor e interlocutor) corresponderiam às entidades “scripteur et lecteur” (*scriptor* e leitor) de um esquema proposto por J. Peytard (1983), que baseou-se, para tanto, em W. Yser, e às entidades “narrador e narratário” de G. Genette.

Assim sendo, devido a estas duas formações, muitos orientandos de Ida Lucia Machado acabaram por inserir a figura do *scriptor* à proposta de Charaudeau ao tratar dos gêneros relativos aos discursos literário e ficcional. É interessante mencionar que a análise do discurso literário sempre teve um papel de destaque nos trabalhos do grupo.

Tendo por base todos estes anos de diálogos semiolinguísticos, gostaríamos de propor um quadro para os gêneros que possuem uma organização narrativa, independentemente do estatuto do referido gênero ser factual ou ficcional. Este nosso gesto nada mais é que uma forma de mostrar como construímos inter-relações entre vários pontos de vista teóricos, em uma profunda dialogicidade, tendo a Semiolinguística por base.

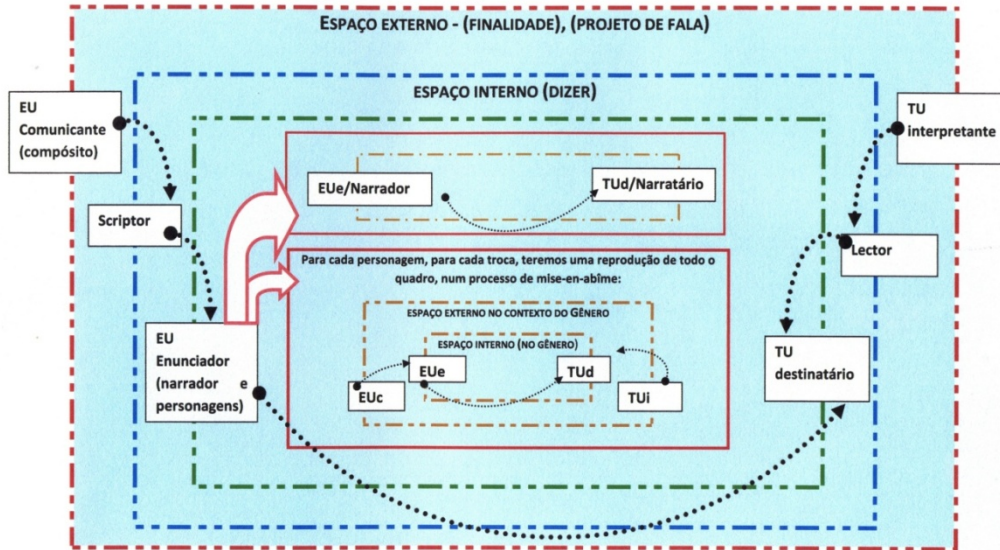


Figura 2: proposta de Machado y Mendes

Nosso objetivo é mostrar de que maneira a polifonia na comunicação pode ser explorada por este quadro. Se, num primeiro momento, este trabalho se deu em relação aos gêneros literários de estatuto ficcional, num segundo momento, observamos que este processo também se repetia em gêneros de estatuto factual. Pensemos em uma reportagem publicada em um jornal, teremos um sujeito comunicante compósito que ao lado do jornal como instituição, temos também toda a equipe de reportagem, estando aqui compreendida inclusive a figura do jornalista responsável que vai construir o texto. O Gênero reportagem passa por um trabalho textual que o *scriptor* organiza. Ele é considerado aqui um ser de papel responsável enquanto função de estruturação discursiva do gênero, por um projeto de fala. Podemos ter marcas de um narrador através de sua enunciação mesmo ou através de posicionamentos, ou da ausência destes. Cada testemunha que dá seu depoimento consiste em um Eu [comunicante e enunciador] que está numa relação de encaixe em relação à voz do narrador e assume a posição de personagem que colocamos no nosso quadro. Para cada troca, cada testemunho, mais um quadro se desdobra dentro do quadro maior da reportagem, ilustrando, assim, a metáfora das bonecas russas. Não mencionamos as instâncias de recepção aqui, mas é um dado de base nos estudos sobre a linguagem que todo Eu fala para um Tu, assim, a cada voz que surge, seu “Tu” é automaticamente instituído e às vezes até mesmo marcado como é o caso de marcas que definem um narratário em sintagmas como “querida leitora”, “nosso leitor”, etc. No caso do Tu interpretante, temos uma variação de possibilidades, já que poderá ler a reportagem em questão e construir a sua própria interpretação.

3. *À guisa de conclusão: em direção a uma Semiologia brasileira?*

O balanço que podemos fazer desta parceria de pesquisa com Charaudeau certamente é bastante positivo. Sua concepção de ato de linguagem como uma proposta de expedição [por requerer uma organização, uma programação] e aventura [por ser um lance ao acaso] não foi sem consequências e ao partimos nesta expedição, nos lançamos corajosamente na aventura de construir uma AD mestiça via semiologia - ou uma Semiologia brasileira. Gostaríamos de ressaltar que estamos falando de um grupo específico, numa época dada, ou seja, o Núcleo de Análise do Discurso e sua existência entre 1994 e 2012, período este em que esteve sob a coordenação de Ida Lucia Machado. Talvez, da mesma forma que havia uma dada movimentação teórica na época em que Peytard e Charaudeau conceberam seus quadros, estejamos também vivendo uma efervescência brasileira nas reflexões sobre o discurso, ou até mesmo uma emancipação na forma criar/transformar teorias e analisar os *corpora*. Isso nos leva a

pensar em uma Análise do Discurso de terceira geração, seguindo o ponto de vista exposto em Machado (1996: 100):

Em termos da Análise do Discurso da 2ª geração (onde é reivindicada, entre outras coisas, uma Teoria do Sujeito), O estruturalismo parece ser apenas um ponto perdido no horizonte. Mas tal sentimento merece ser reavaliado. A Semiologia, mesmo sendo uma teoria nova, tem suas origens primeiras no pensamento de pesquisadores tais como Barthes e Greimas, entre outros. Daí ter valorizado certos aspectos que já tinham sido enfatizados pelos estruturalistas: basta verificar, para citar um caso, o trabalho de classificação ordenada que uma das “modalidades da organização discursiva” da Semiologia, a modalidade dita “descritiva” oferece ou a necessidade de se fornecer aos pesquisadores, através da elaboração de grades, um modelo - aberto, é verdade - mas sempre um modelo de análise aplicável nos diferentes conjuntos de textos estudados.

No momento atual, não se trata mais de uma simples aplicação de uma teoria vinda do além-mar, mas de uma produção de conhecimento local sobre algo de que antropofagicamente nos apropriamos, num movimento bem similar ao que o próprio Charaudeau propõe para a sua teoria. E esta é uma das maiores homenagens que podemos fazer a alguém: manter viva e pulsante a sua teoria.

Gostaríamos de abrir um parêntese em nossa conclusão no que concerne à emancipação das pesquisas e dos pesquisadores brasileiros em AD. Acreditamos que esta passagem para uma terceira geração se dê para muitos dos grupos de pesquisa brasileiros. Temos uma AD anglo-franco-russo-brasileira e, talvez, tudo isso ao mesmo tempo, levando em consideração o fato de muitas pesquisas misturarem preceitos de mais de uma vertente. Ao nosso ver, é injusto e/ou ingênuo pensar, por exemplo, que o trabalho de pesquisa de Eni Orlandi é ADF ou análise pecheutiana, visto que esta pesquisadora e colaboradores de seu grupo, em muito expandiu o pensamento de Pêcheux e a um ponto tal que este se configurou em outra teoria, em outras formas de pensar o discurso, ou seja, em uma das formas da atual AD brasileira, pelo menos, como a compreendemos. Outro exemplo é o caso do grupo coordenado por Beth Brait - somados aqui seus colaboradores - e a Análise Dialógica do Discurso, uma invenção puramente brasileira que teve por base as reflexões do Círculo Bakhtiniano, mas que a partir de novas formas de interpretar tais trabalhos gerou algo novo. Existem outros exemplos desta AD de terceira geração em relação aos mais diversos modelos, mas que, pelo tardar da hora, nos esquivaremos de mencionar, fechamos, assim, nosso parêntesis pedindo desculpas aos que aqui não foram citados.

Em suma, o que quisemos foi mostrar de que maneira uma teoria pôde contribuir para a construção do conhecimento e para a emancipação de um grupo de pesquisa, mas também fazer desta constatação, uma homenagem ao Patrick Charaudeau, este expedicionário e aventureiro que veio desembarcar nos trópicos com a Semiologia, fazendo da metáfora de sua teoria uma metáfora de sua vida... e ninguém viaja aos trópicos e volta imune.

NOTAS

1. Aproveitamos a ocasião para divulgar nosso descontentamento em referência às homenagens póstumas, das quais o homenageado não tira nenhum proveito, com exceções, como nos mostra, por exemplo, o belo caso de Saussure e de seus ‘Cursos’ cujo trabalho foi difundido graças aos seus alunos e continua a nortear tantas disciplinas que vieram após dele, tal como a Análise do Discurso. Nossa contrariedade se aplica, sobretudo, aos livros de contra-homenagem ou aqueles que contêm críticas ferozes feitas contra um gênio dos estudos da linguagem, como Mikhail Bakhtin, que não teve, ele próprio, direito de resposta aos seus detratores. Lembramos que o mesmo já havia acontecido na França, há alguns anos atrás em relação a Freud e a Lacan e à Psicanálise como ciência. De todo modo, abominamos esta forma de lembrança ou pseudo-homenagem, que partem de sentimentos negativos mais do que da razão.
2. E também cariocas, já que ao grupo mineiro reuniu-se nesta aventura um grupo de pesquisadores da UFRJ.

3. Ida Lucia Machado tem mais de 50 trabalhos de orientação - entre dissertações e teses - concluídos. Muitos destes orientandos, hoje, trabalham em outras instituições de ensino superior gerando, por sua vez, uma gama considerável de trabalhos na área da Semiologia.
4. “*Scriptor* designa o ‘sujeito’ não definido que, por um trabalho específico com a linguagem, organiza e constrói o texto *scriptural* (produto literário). [...] Instância distinta daquela de autor para sublinhar e singularizar o fato de que escrever é um trabalho com a linguagem. [...] Dizemos ‘sujeito’ não definido porque os limites que definem o *scriptor* são descontínuos e variáveis. Ele é sujeito (‘submetido/submisso’) de sua história (que estrutura em profundidade o inconsciente) e da História (que estrutura em profundidade seus dados ideológicos).” (Peytard (1983: 35), tradução nossa).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHARAUDEAU, P. (1992). *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette.
- CHARAUDEAU, P. (1983). *Langage et discours*. Paris: Hachette.
- CHARAUDEAU, P. (1995). Une analyse sémiotique du discours. *Langages*, 117: 96-111.
- CHARAUDEAU, P. (2005). *Le discours politique: Les masques du pouvoir*. Paris: Vuibert.
- CHARAUDEAU, P. (2006). *O discurso político*. São Paulo: Contexto.
- CHARAUDEAU, P. (2008a). *Entre populisme et peopolisme: Comment Sarkozy a gagné*. Paris: Vuibert.
- CHARAUDEAU, P. (2008b). *Linguagem e discurso*. São Paulo: Contexto.
- CHARAUDEAU, P. (2008c). *Traité de politique à l'usage du citoyen*. Paris: Vuibert.
- CHARAUDEAU, P. (2010). *O sujeito do discurso* [Curso do Programa Escola de Altos Estudos da Capes]. Belo Horizonte/ Poslin/FALE/UFMG, 17 a 21 de maio. Nota de aula.
- CHARAUDEAU, P. (2013). Histoire d'un imprunt. Histoire d'une coïncidence. Un hommage à Jean Peytard. *Synergies monde*, 10: 43-50.
- MACHADO, I. L. (2010). A AD, a AD no Brasil e a AD do Brasil, em L. De Paula e G. Stafuzza (Eds.) *Da análise do discurso no Brasil à análise do discurso do Brasil: três épocas histórico-analíticas*, pp. 203-230. Uberlândia: EDUFU.
- MACHADO, I. L. (1996). Passagem de uma análise psico-estrutural a uma análise do discurso de 2ª geração. *Revista de Estudos da Linguagem*, ano 5, 4 (2):91-103.
- MACHADO, I. L. (1998). A análise do discurso e seus múltiplos sujeitos, em I. L. Machado, A. R. Cruz e D. Lysardo-Dias. *Teorias e práticas discursivas*, pp. 111-121. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG.
- MAZIÈRE, F. (2010). *L'analyse du discours*. Paris: PUF.
- PEYTARD, J. (1983). La place et le statut du “lecteur” dans l'ensemble “public”. *Semen*, 1: 13-37.

IDA LUCIA MACHADO. Graduada em Letras (Português-Francês) pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Mestre em Língua e Literatura Francesa pela Universidade de São Paulo, Doutora ès Lettres pela Université de Toulouse II ; tem dois pós-doutorados em análise do discurso realizados em Paris XIII e Paris III . Atuou como docente na FALE/UFMG de 1992 a 2012, onde ministrou cursos de língua e literatura francesa (graduação) e análise do discurso (pós-graduação). Atualmente é professora voluntária do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos na FALE/UFMG, onde ministra cursos de análise do discurso e orienta mestrados, doutorandos e pós-doutorandos em análise do discurso. Suas pesquisas nesta área centram-se sobre narrativas de vida, sujeitos do discurso, ironia e paródia. É pesquisadora 2 do CNPq. Atualmente, é vice coordenadora do NETII (Núcleo de Estudos sobre Transgressões, imagens e imaginários) na FALE/UFMG.

Correo electrónico: idaluz@hotmail.fr

EMÍLIA MENDES. Possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (1995), mestrado em Estudos Lingüísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (2000) e doutorado em Estudos Lingüísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (2004) e pela Universidade de Paris XIII (dout. sanduíche). Atualmente, é professora adjunta da FALE-UFMG. Tem experiência na área de Lingüística, com ênfase em Análise do Discurso, atuando principalmente nos seguintes temas: análise do discurso franco-brasileira, teoria semiolingüística, teoria da ficcionalidade e análise da imagem. Coordena, ao lado da profa. Ida Lucia Machado, o Núcleo de Estudos sobre Transgressões, Imagens e Imaginários - NETII/FALE-UFMG, desde 2013.

Página web: <http://www.lettras.ufmg.br/profs/emilia/>